

# Apresentação do dossiê

## Estudos indígenas, políticas curriculares e políticas linguísticas

Danielle Bastos Lopes<sup>1</sup>

José R. Bessa Freire<sup>2</sup>

Héctor Muñoz Cruz<sup>3</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i49.903>

Estamos agora em melhor posição para analisar os movimentos indígenas. Uma larga tradição social e antropológica, acatou o indígena como predominantemente rural, negando a história urbana dos povos pré-hispânicos, ou mesmo já no final do século XIX, como habitantes de cidades. Atualmente, povoam a região iberoacameriicana 5 a 6 vezes mais pessoas identificadas como indígenas do que no século XX. A Educação Intercultural Bilíngue (EIB), nesse contexto, aparece de modo especialmente evidente nas políticas das últimas quatro décadas. Esteban Emilio Mosonyi – editor da Declaração de Barbados, foi o primeiro pesquisador a cunhar o termo em 1970. Desde então, políticas públicas e uma multiplicidade de planos, currículos, estudos, promoveram a “interculturalidade” das línguas nativas nas Américas. Em 2019, a Assembleia Geral das Nações Unidas declara a década internacional das línguas indígenas (2022-2032). Talvez, as mudanças mais significativas nesse período sejam, com efeito, a substituição dos parâmetros assimilacionistas por políticas a modo de odisséias multiculturais, baseadas em instrumentos jurídicos e constitucionais ao longo da atual década.

Bartomeu Melià no Paraguai (o autor dedicado ao número antecessor deste dossiê) e Héctor Muñoz no México, questionam até que ponto a Educação Indígena

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup> Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), Cidade do México, México.

não se restringe ao entendimento da alfabetização bilíngue e não se analisam outros contextos como a socialização linguística. Questionamos, neste dossiê, portanto, o caráter universal dos currículos seja da Educação Básica ou currículos universitários indígenas, que assumem uma língua falada prestigiosamente como o português ou o castelhano, enquanto as línguas nativas são restritas à pouca vernaculização. Neste propósito, este número buscou congregiar pesquisas debatendo conflitos, polissemias e diferenças. A intenção desta apresentação de debates não é defender uma ou outra proposta de bilinguismo, mas justapo-las e trazer uma reflexão sobre os seus diferentes discursos e sentidos recebidos no Brasil e no México.

## REFERÊNCIAS

MELIÀ B. *Passado, presente y futuro de la lengua guaraní*. Asunción: CEADUC; ISEHF, 2010.

MUÑOZ, C. H. Clases sociales en la comunicación y en la configuración de etnicidades: una omisión en el análisis de la realidad indoamericana. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 39, n. 109, p. 417-338, 2019.

### Sobre os autores:

**Danielle Bastos Lopes:** Pós-doutoranda na Universidad Autónoma Metropolitana (UAM ). Pós Doutora pela Universidad de Salamanca (USAL). Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História Social e graduada em Pedagogia pela UERJ. Professora adjunta e Procientista na UERJ. Docente do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) na UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Ameríndios e Fronteiras (GEAF- CNPq). **E-mail:** daniellebastoslopes@hotmail.com, **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0003-1614-0924>

**José R. Bessa Freire:** Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Cursou doutorado em História na École Des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França. Especialista em Sociologie du Développement pelo Institut international de recherche et de formation en vue du développement harmonisé (IRFED), França. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde orienta pesquisas de doutorado e mestrado. Coordena o Laboratório de Pesquisas em Oralidade (Laboral/UNIRIO). Mantém coluna semanal em jornais

do Amazonas. ([www.taquiprati.com.br](http://www.taquiprati.com.br)). **E-mail:** [bessa18@hotmail.com](mailto:bessa18@hotmail.com),  
**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-2093-3388>

**Héctor Muñoz Cruz:** Doutorado em Linguística Hispânica, no Centro de Estudios Lingüísticos y Literario, El Colegio de México, Cidade do México. Coursou Licenciatura de Pedagogia em Castelhana na Universidad Católica del Norte, Antofagasta, Chile. Sociolinguista e educador chileno. Professor Investigador Titular de Linguística no Departamento de Filosofía, Unidade Iztapalapa da Universidade Metropolitana Autónoma (UAM), Cidade do México. Membro do Sistema Nacional de Investigadores, nível III. Membro do Comité de Artes, Educación y Humanidades (CIEES). Membro da Academia Chilena de Língua. **E-mail:** [hmunozcruz@gmail.com](mailto:hmunozcruz@gmail.com), **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-5016-6736>

